

Relato de Experiência

APROPRIAÇÃO DE IMAGENS NO ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO: UMA EXPERIÊNCIA COM COMPOSIÇÕES VISUAIS EM DISCIPLINA DE BASE TEÓRICA

Lucas da Silva Rudolpho¹

Charles Immianovsky²

¹ Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) / Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Blumenau – Santa Catarina / Brasil

² Instituto Federal Catarinense (IFC) / Luzerna – Santa Catarina / Brasil

Resumo

Este relato de experiência insere-se no debate sobre a incorporação de processos de criação oriundos do campo da Arte aos processos de ensino-aprendizagem no âmbito dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. O texto tem como objetivo relatar e discutir uma prática pedagógica desenvolvida na disciplina História e Teoria da Arte, Arquitetura e Cidade I, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB), no segundo semestre de 2025, em uma turma composta por 22 estudantes. A prática abordou o estudo das civilizações da Mesoamérica (maias e astecas) e da América do Sul (incas) por meio da criação de composições visuais fundamentadas na apropriação de imagens. Metodologicamente, foram utilizados recursos audiovisuais, bibliográficos e referenciais artísticos, com destaque para a produção de Luiz Paulo Baravelli, além da disponibilização de pranchas e recortes de imagens para experimentação criativa. A análise das 14 composições produzidas evidenciou a apropriação de conhecimentos arquitetônicos, urbanísticos, artísticos, culturais, religiosos, científicos e territoriais, bem como o desenvolvimento da criatividade, da capacidade interpretativa e da articulação interdisciplinar. Os resultados indicam que a apropriação de imagens pode constituir uma estratégia didático-pedagógica promissora para promover aprendizagens mais significativas no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo. Ensino. Apropriação de imagens.

Image appropriation in architecture and urbanism education: an experience with visual compositions in a theoretical course

This experience report contributes to the debate on the incorporation of creative processes originating from the field of Art into teaching and learning processes within Architecture and Urbanism programs. The aim of this paper is to report and discuss a pedagogical practice developed in the course History and Theory of Art, Architecture and City I, offered in the Architecture and Urbanism program at the Regional University of Blumenau (FURB), during the second semester of 2025, in a class composed of 22 students. The activity addressed the study of the civilizations of Mesoamerica (Maya and Aztec) and South America (Inca) through the creation of visual compositions based on image appropriation. Methodologically, audiovisual resources, bibliographic references, and artistic references were employed, with particular emphasis on the work of Luiz Paulo Baravelli, in addition to the provision of image boards and image clippings for creative experimentation. The analysis of the 14 compositions produced revealed the appropriation of architectural, urban, artistic, cultural, religious, scientific, and territorial knowledge, as well as the development of creativity, interpretative skills, and interdisciplinary articulation. The results indicate that image appropriation may constitute a promising pedagogical strategy for promoting more meaningful learning experiences in Architecture and Urbanism education.

Keywords: Architecture and Urbanism. Teaching. Image appropriation.

Apropiación de imágenes en la enseñanza de arquitectura y urbanismo: una experiencia con composiciones visuales en una asignatura de base teórica

Este relato de experiencia se inserta en el debate sobre la incorporación de procesos creativos provenientes del campo del Arte a los procesos de enseñanza-aprendizaje en el ámbito de los estudios de Arquitectura y Urbanismo. El presente texto tiene como objetivo relatar y discutir una práctica pedagógica desarrollada en la asignatura Historia y Teoría del Arte, la Arquitectura y la Ciudad I, del curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Regional de Blumenau (FURB), durante el segundo semestre de 2025, en un grupo compuesto por 22 estudiantes. La práctica abordó el estudio de las civilizaciones de Mesoamérica (mayas y aztecas) y de América del Sur (incas) mediante la creación de composiciones visuales fundamentadas en la apropiación de imágenes. Metodológicamente, se utilizaron recursos audiovisuales, bibliográficos y referentes artísticos, con especial énfasis en la producción de Luiz Paulo Baravelli, además de la disponibilidad de láminas y recortes de imágenes para la experimentación creativa. El análisis de las 14 composiciones producidas evidenció la apropiación de conocimientos arquitectónicos, urbanísticos, artísticos, culturales, religiosos, científicos y territoriales, así como el desarrollo de la creatividad, la capacidad interpretativa y la articulación interdisciplinaria. Los resultados indican que la apropiación de imágenes puede constituir una estrategia didáctico-pedagógica prometedora para promover aprendizajes más significativos en la enseñanza de la Arquitectura y el Urbanismo.

Palabras clave: Arquitectura y Urbanismo. Enseñanza. Apropiación de imágenes.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.22968309>

ISSN: 2359-6252

Editor-chefe: Vinicius de Souza Moreira

Editora-adjunta: Letícia Lima Milani Rodrigues

Artigo submetido em 05 de julho de 2026 e aceito para publicação em 11 de agosto de 2026



1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de julho de 2025, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, os conteúdos curriculares devem ser organizados em núcleos de conhecimentos que forneçam o necessário embasamento para o desenvolvimento do espírito crítico e criativo dos estudantes, incluindo, entre outros campos do saber, “Artes, Estética e História das Artes, [...] Desenho e meios de expressão e representação” (Brasil, 2025, p. 6). As Diretrizes também estabelecem que os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) devem prever “o uso de metodologias de ensino presencial voltadas ao desenvolvimento das capacidades crítica, criativa e propositiva e da autonomia intelectual” (Brasil, 2025, p. 11) dos estudantes. Nesse sentido, a formação acadêmica no âmbito dos cursos de Arquitetura e Urbanismo enseja uma visão interdisciplinar, que perpassa tanto a organização curricular desses cursos, no que se refere aos conhecimentos a elas (inter)relacionados, quanto as abordagens metodológicas, de modo que ambas contribuam para o desenvolvimento da criticidade e da criatividade na formação do arquiteto e urbanista.

Na organização curricular desses cursos, a história da arte, da arquitetura e da cidade constitui um núcleo fundamental de conhecimentos essenciais para a formação profissional na área, conforme se depreende das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo (Brasil, 2025). Esse núcleo teórico de conhecimentos, reconhecido como importante para o desenvolvimento crítico dos estudantes, é, conforme identificou Bottura (2018), comumente desenvolvido por meio de aulas expositivas, envolvendo interpretações de obras artísticas e um amplo arcabouço teórico. Nesse sentido, essas disciplinas enfrentam desafios relacionados ao engajamento discente e à construção de experiências de aprendizagem mais significativas. Nesse contexto, a escolha dos métodos de ensino e dos recursos didáticos empregados ao longo das aulas assume papel fundamental, especialmente para que os estudantes se sintam motivados a participar como agentes do processo de construção do conhecimento, e não apenas como espectadores (Bottura, 2018).

No que se refere ao enfrentamento desses desafios, têm-se buscado desenvolver, por meio da aproximação entre processos artísticos e processos de ensino, experiências de ensino-aprendizagem mais significativas no desenvolvimento dos conteúdos de disciplinas de base teórica e histórica presentes nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Entende-se que essas experiências, embora ainda incipientes, são relevantes para o campo, uma vez que ampliam o debate sobre os atravessamentos da arte no processo de ensinar-aprender Arquitetura e Urbanismo. Isso se torna particularmente importante porque, embora sejam encontrados estudos que incorporam práticas artísticas ao ensino de Arquitetura e Urbanismo, especialmente em disciplinas de caráter prático, a exemplo de Feitosa (2023) e Brandão e Braga (2016), observa-se que tais práticas, quando relacionadas a disciplinas de base teórica e histórica, aparecem com menor expressão, conforme evidenciado no trabalho de Rocha e Machado (2023).

Este texto insere-se nesse debate, evidenciando o potencial dos processos artísticos para favorecer a aprendizagem de conteúdos teóricos e históricos e, simultaneamente, estimular a criatividade, dimensão inerente à formação em Arquitetura e Urbanismo. Ele integra um conjunto mais amplo de reflexões dos autores, no âmbito da docência, acerca das possibilidades de aproximação entre arte e ensino de Arquitetura e Urbanismo, por meio da discussão de práticas pedagógicas que incorporaram processos artísticos no desenvolvimento de conteúdos teóricos e históricos de diferentes disciplinas do curso (Rudolpho; Immianovsky, 2025; Rudolpho; Kaestner; Immianovsky, 2025).

Dentre esses processos, a apropriação de materiais, imagens e objetos cotidianos, amplamente explorada no campo da arte contemporânea brasileira, desde os parangolés¹ do artista brasileiro Hélio

¹ Os parangolés eram capas para serem vestidas e movimentadas pelo corpo. Eles podiam ser feitos de materiais muito simples, como tecidos e redes, e, por vezes, continham poemas do próprio Oiticica ou de outros artistas, em um trabalho colaborativo. Em sua execução, não havia resquícios de uma técnica apurada nem a associação a uma capacidade única de criação de determinado objeto.

Oitica (1937–1981), na década de 1960, até as pinturas do artista paulistano Luiz Paulo Baravelli, apresenta-se como um importante recurso para a criação artística. Nos processos de apropriação, os artistas partem de elementos preexistentes, que passam a adquirir novos sentidos quando incorporados ao trabalho artístico. Para Baliscai e Stein (2026), essa ideia de que o novo emerge do já existente constitui uma prática recorrente no campo das Artes Visuais, embora possa ser nomeada de diferentes formas, como apropriação, citação ou mestiçagem. Nesse sentido, esclarecem os autores: "tais terminologias, embora possuam origens distintas, convergem ao evidenciar um aspecto fundamental da produção visual, o qual destacamos [...] como 'imagens criadas com imagens'" (Baliscai; Stein, 2026, p. 3).

Diante do exposto, este texto tem como objetivo relatar e discutir uma prática de ensino desenvolvida na disciplina História e Teoria da Arte, Arquitetura e Cidade I, do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB), fundamentada na incorporação de processos artísticos ao desenvolvimento dos conteúdos da disciplina. A prática consistiu no estudo das civilizações da Mesoamérica (maias e astecas) e da América do Sul (incas), por meio da produção de composições visuais fundamentadas na apropriação de imagens, buscando, simultaneamente, favorecer a aprendizagem dos conteúdos abordados e estimular a criação por meio da experimentação de processos artísticos. Para tanto, nas seções seguintes, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados e analisadas as composições visuais produzidas, com vistas a evidenciar as potencialidades da apropriação de imagens para o ensino de conteúdos teóricos e históricos em Arquitetura e Urbanismo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A prática de ensino foi desenvolvida na disciplina História e Teoria da Arte, Arquitetura e Cidade I, ofertada no primeiro semestre de 2025 no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da FURB, com uma turma de 22 estudantes.

A proposta teve como tema as civilizações da Mesoamérica (maias e astecas) e da América do Sul (incas), sociedades que se desenvolveram nas regiões central e sul do continente americano antes da chegada dos colonizadores europeus. O objetivo da atividade consistiu na elaboração de composições visuais capazes de expressar aspectos ambientais, sociais, econômicos e culturais dessas civilizações. Para tanto, foram mobilizados procedimentos de seleção, articulação e ressignificação de imagens, no âmbito da apropriação como processo criativo. Assim, a atividade foi concebida a partir da compreensão de que a apropriação funciona como um dispositivo de criação, capaz de articular a aprendizagem de conteúdos históricos ao desenvolvimento de processos criativos e inventivos.

Para subsidiar a realização da atividade, foram utilizados diferentes recursos didáticos, buscando fornecer uma compreensão inicial sobre os contextos históricos e culturais abordados. Inicialmente, foi exibido o documentário *Les peuples du soleil* (Os povos do sol)², com duração aproximada de 49 minutos, que apresenta uma visão geral sobre as civilizações maia, asteca e inca. Além disso, foram selecionados, para estudo, capítulos específicos das obras *A história da arquitetura mundial* (2011) e *História da arte* (2019), disponibilizados previamente no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Na sequência, estudaram-se as produções do artista contemporâneo Luiz Paulo Baravelli (São Paulo, 1942), especialmente no que se refere à apropriação como processo criativo em sua produção artística. O documentário *Baravelli: Colecionador de imagens* (2001)³ foi um dos recursos didáticos utilizados para que os estudantes conhecessem esse artista, seus trabalhos, seus referenciais e seus processos de criação. No documentário, organizado em três partes, são apresentados: as obras e o percurso criativo de Baravelli em seu ateliê; uma retrospectiva de sua formação, evidenciando o início de sua trajetória nos anos 1960, enquanto estudante de arquitetura, desenho e pintura; e os métodos de trabalho do artista.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f0j4O2xJQSY>.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z_y5PX277M0.

Adicionalmente, algumas pinturas do artista foram selecionadas para a realização de um exercício de leitura de imagem, por meio do qual se buscou identificar os diferentes elementos (ou imagens) presentes nas composições, seus possíveis contextos de origem e os novos contextos nos quais foram inseridos por meio do processo de apropriação. Parte dessas imagens está apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Baravelli. *Cupido que foge (segundo Altdorfer)*, 1983. Acrílica s/ tela: 131 x 218 cm (acima); *A forja (nº2)*, 2000. Crayon e acrílica s/ compensado: 79,5 x 220 cm (abaixo)



Fonte: Baravelli (2007).

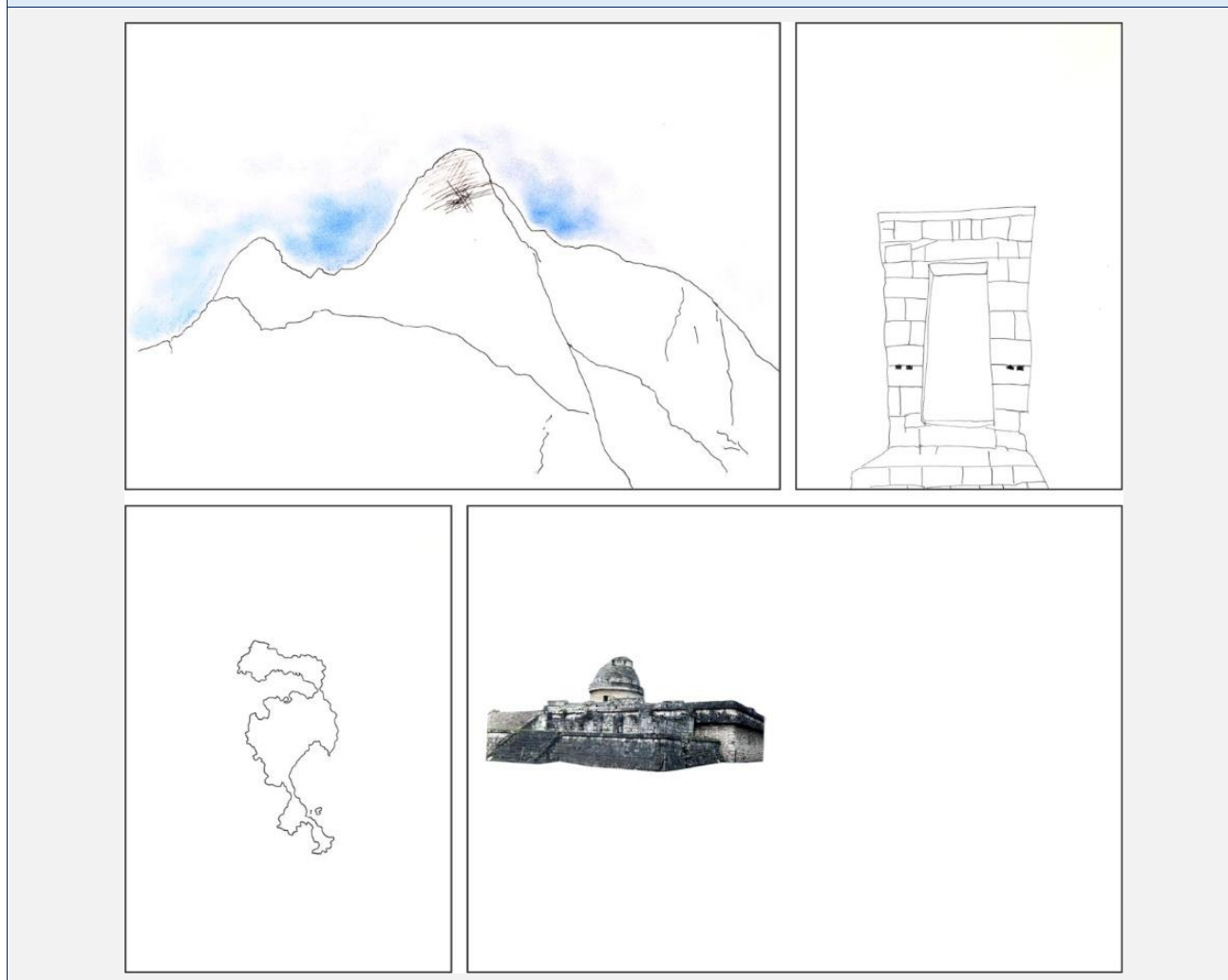
De modo geral, Baravelli utiliza uma variedade de imagens, materiais, procedimentos e técnicas, experimentando-os, desde o início de sua carreira, em diferentes combinações, em um processo que abdica da linearidade. O artista retoma, com frequência, imagens que coleciona (organizadas em cadernos ou murais) e/ou trabalhos antigos como referenciais para novas obras, alterando-os e/ou articulando-os em outros suportes e composições (Luiz..., 2020).

Após o estudo das produções de Baravelli e, paralelamente, do material teórico sobre as civilizações maia, asteca e inca, os estudantes se organizaram em duplas (embora alguns tenham optado pelo trabalho individual) para a produção de composições visuais que expressassem aspectos da organização social, econômica e cultural de um desses povos.

Para a etapa de desenvolvimento das composições visuais, foram elaboradas pranchas em papel canson, nos formatos A3 e A4, nas orientações paisagem e retrato, contendo um ou mais

elementos visuais relacionados, entre outros aspectos, à paisagem, à arquitetura e à geografia de cada uma das três civilizações estudadas. Nas pranchas, esses elementos foram aplicados por meio de colagem, desenho com canetas hidrográficas e pintura em aquarela, devendo, obrigatoriamente, ser mantidos e incorporados à composição final. Esse elemento preestabelecido foi concebido como um dispositivo provocador, com a finalidade de estimular os estudantes, inicialmente, a reconhecerem sua vinculação histórica e cultural e, posteriormente, a utilizá-lo como ponto de partida para a elaboração da composição visual. A Figura 2 exemplifica a constituição dessas pranchas.

Figura 2 – Exemplos de pranchas disponibilizadas aos estudantes



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Além das pranchas, como recurso de apoio, produziu-se um acervo composto por 150 recortes de imagens representativas das diferentes civilizações, os quais foram disponibilizados à turma para serem incorporados às composições por meio da técnica de colagem.

Esse conjunto de recortes foi disposto na sala juntamente com as pranchas, para que pudesse ser selecionado pelos estudantes. A prancha constituiu-se como suporte da composição visual, enquanto os recortes funcionaram como material complementar, que poderia ou não ser incorporado à composição. Quanto aos recortes, cada estudante ou dupla pôde selecionar até quatro imagens, sendo as demais utilizadas como referências para observação e desenho. Cabe destacar que os recortes, bem como as pranchas, foram apresentados de forma não categorizada, exigindo dos estudantes a identificação, seleção e associação corretas dos recursos visuais correspondentes à civilização escolhida. Nesse sentido, a escolha desses recursos esteve apoiada no estudo do

documentário apresentado na primeira aula, na leitura prévia dos textos disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ou, conforme se observou em sala de aula, na consulta a esse material no momento da seleção das pranchas-suporte ou dos recortes suplementares utilizados para a realização da composição visual.

Apropriando-se desses materiais e dos referenciais teóricos e artísticos trabalhados nas etapas anteriores, cada estudante ou dupla produziu sua composição utilizando técnicas mistas, incluindo desenho, colagem, pintura e outras formas de representação gráfica. A Figura 3 apresenta registros dessas etapas.

Figura 3 – Registros das etapas de trabalho



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Ao final da etapa de criação das composições, visando subsidiar a avaliação da aprendizagem e do percurso desenvolvido, solicitou-se a elaboração de um breve texto no verso da composição, apresentando o processo realizado, as escolhas efetuadas e a justificativa dos elementos visuais empregados. Em conjunto com esse texto, as composições foram avaliadas considerando os seguintes critérios: presença de elementos representativos da civilização abordada; adequação dos elementos visuais utilizados à temática proposta; criatividade na articulação entre os diferentes elementos visuais, incluindo o elemento preestabelecido; e clareza e consistência do texto explicativo sobre a composição produzida.

Todas as etapas descritas foram desenvolvidas ao longo de duas semanas letivas, totalizando oito horas-aula, distribuídas em encontros semanais de quatro horas. Esse período compreendeu a apresentação da proposta, o estudo dos materiais de referência, a elaboração das composições visuais e a produção do texto complementar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas, ao todo, 14 composições visuais sobre as civilizações da Mesoamérica e da América do Sul, com predominância de trabalhos sobre maias e incas e, em menor quantidade, sobre astecas. Apresentam-se, a seguir, algumas dessas composições, com o objetivo de ilustrar as diferentes possibilidades de apropriação, articulação e ressignificação de imagens mobilizadas pelos estudantes, bem como discutir o potencial desse processo como dispositivo de criação e aprendizagem no ensino de História e Teoria da Arte, Arquitetura e Cidade.

A Figura 4 apresenta duas composições visuais elaboradas sobre a civilização maia. Essas produções articulam diferentes elementos arquitetônicos, artísticos, agrícolas, científicos e culturais associados a essa civilização por meio de distintas técnicas, como colagem, desenho e pintura.

Figura 4 – Composições visuais sobre a civilização maia



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Cabe lembrar que as composições foram elaboradas a partir de elementos visuais previamente inseridos nas pranchas, os quais deveriam ser obrigatoriamente mantidos e incorporados pelos estudantes ao trabalho. Na composição à esquerda (Figura 4), os elementos predefinidos presentes na prancha consistiam em uma linha do horizonte, acompanhada pela representação do céu e de uma paisagem florestal executados em aquarela, além da imagem de uma pirâmide localizada em Tikal, cidade maia. Tikal constitui uma das mais importantes cidades da civilização maia, implantada nas selvas da planície da província de El Petén, na Guatemala (Fazio; Moffett; Wodehouse, 2011). Já na composição à direita (Figura 4), o elemento predefinido consistia no desenho de outra pirâmide, também situada em Tikal. Esses elementos atuaram como dispositivos provocadores da criação, orientando e, ao mesmo tempo, desafiando os estudantes a construírem narrativas visuais a partir da apropriação de imagens e de referências previamente estabelecidas. Observa-se que as composições incorporaram tais elementos de maneiras distintas: a produção à esquerda utilizou a paisagem como estrutura articuladora dos diversos componentes visuais, em uma tentativa de "(re)criar" uma paisagem representativa da vida maia; por outro lado, a composição à direita estruturou-se a partir de formas geométricas, cores e símbolos associados aos sistemas de representação maias.

Em ambas as composições, destacam-se referências visuais às cidades de Tikal e Palenque, mencionadas pelos próprios estudantes em seus textos explicativos. Essa escolha evidencia a compreensão da importância da arquitetura para a civilização maia, caracterizada, conforme ressaltado por Proença (2019), pela construção de grandes cidades e por uma arquitetura monumental. A representação do Templo das Inscrições, em Palenque, na composição à esquerda, e

da pirâmide de Tikal, na composição à direita, demonstra a assimilação, por parte dos estudantes, de aspectos formais da arquitetura maia, marcada pela sucessão de plataformas escalonadas que conferem às edificações sua característica configuração piramidal.

As composições também incorporam elementos relacionados à produção artística maia, como esculturas, relevos ornamentais e figuras humanas. A presença desses elementos dialoga com a observação de Proença (2019) de que, além da arquitetura, os maias desenvolveram uma expressiva produção escultórica destinada à ornamentação de templos e palácios, manifestando-se tanto em esculturas monumentais quanto em pequenas figuras.

Outro aspecto relevante observado nas duas composições refere-se à representação das práticas agrícolas. A inclusão de áreas cultivadas, de figuras humanas associadas ao trabalho agrícola e, especialmente, da representação ampliada do milho na composição à esquerda evidencia a centralidade da agricultura na organização econômica e social maia. Conforme descrito pelo estudante no breve texto registrado no verso da composição, "[...] essa civilização cultivava produtos como milho, feijão e abóbora e empregava técnicas agrícolas voltadas à manutenção da fertilidade do solo". Tal interpretação encontra respaldo em Fazio, Moffett e Wodehouse (2011), que destacam o desenvolvimento de sistemas de irrigação e a ampla variedade de cultivos agrícolas, ressaltando a importância do milho na alimentação e na cultura maia. Na composição à direita, a relevância da agricultura também é evidenciada pela representação do milho, associada à figura de poder e prestígio de um governante maia, envolvido pela cor dourada.

As composições explicitam, ainda, conhecimentos relacionados aos sistemas de escrita e aos avanços científicos desenvolvidos pelos maias. A presença de símbolos gráficos, hieróglifos e representações do calendário maia em ambas as produções evidencia a percepção dos estudantes quanto à importância desses avanços produzidos por essa civilização. Conforme apontam Fazio, Moffett e Wodehouse (2011), os maias foram a única civilização americana a desenvolver um sistema de escrita capaz de registrar sua história e suas práticas rituais, produzindo inscrições em pedra, cerâmica, rebocos e pinturas murais. Da mesma forma, desenvolveram sistemas calendáricos complexos e conhecimentos astronômicos sofisticados, baseados na observação sistemática dos corpos celestes.

Nesse sentido, a representação da lua e a presença de um fundo escuro associado ao universo na composição à esquerda remetem aos conhecimentos astronômicos desenvolvidos pelos maias. De modo semelhante, a composição à direita explorou a representação das fases da lua, associadas ao céu em tons de azul e a um fundo composto por símbolos gráficos, evidenciando a importância atribuída pelos maias à astronomia e à observação dos fenômenos celestes.

A composição à direita também se destaca pelo uso intencional das cores como recurso de construção de significados. Conforme descrito pela estudante no breve texto registrado no verso da composição:

[...] a figura do governante maia, localizada no canto superior esquerdo, foi envolvida pela cor dourada, simbolizando poder e prestígio. A bandeira da Guatemala, inserida no canto superior direito, foi circundada pelas cores marrom e amarela, representando, respectivamente, a importância do solo para a agricultura e do sol como divindade. O monumento vertical de pedra foi associado às cores amarela e laranja, remetendo ao uso do fogo para renovação dos solos agrícolas. As fases da lua, envolvidas pela cor azul, representam os conhecimentos astronômicos desenvolvidos pelos maias, enquanto o contorno verde faz referência às florestas onde se implantavam suas cidades. Por fim, a pirâmide de Tikal foi circundada pelas cores vermelho e verde-esmeralda, simbolizando, respectivamente, os rituais de sacrifício e o uso do jade em práticas funerárias associadas às elites.

A Figura 5 apresenta duas composições visuais elaboradas sobre a civilização inca. Nessas composições, também são explorados elementos arquitetônicos, artísticos, agrícolas, científicos e culturais associados a essa civilização, empregando-se diferentes técnicas, como colagem, desenho e pintura.

Figura 5 – Composições visuais sobre a civilização inca

Fonte: Acervo dos autores (2025).

Na composição à esquerda, o elemento predefinido, colado na parte central superior da prancha, consistia em uma imagem de alvenaria ciclópica inca, técnica construtiva que, segundo Fazio, Moffett e Wodehouse (2011), constituiu uma das maiores realizações da engenharia inca, caracterizada pelo ajuste preciso de grandes blocos de pedra sem a utilização de argamassa. Já na composição à direita, o elemento pré-definido, desenhado na parte central da prancha, foi a ponte suspensa de cordas Q'eswachaka, considerada a última ponte inca ainda em uso e reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

Observa-se que, assim como ocorreu nas composições apresentadas sobre a civilização maia, as estudantes incorporaram esses elementos de maneiras distintas, evidenciando diferentes estratégias de apropriação e criação visual. A composição à esquerda estrutura-se por meio de fluxos e conexões territoriais que articulam diferentes aspectos da civilização inca. A própria estudante afirma que "a composição visual foi pensada de forma que, do lado direito da área vermelha de maior extensão, que representa o território do Império Inca, saiam caminhos representando a importante rede de estradas criada pelos incas". Essa narrativa culmina na representação da execução do último imperador inca, utilizada para simbolizar o processo de desestruturação e o fim do império após a conquista espanhola. Já a composição à direita privilegia uma abordagem que explora elementos simbólicos e grafismos presentes em diferentes produções artísticas e culturais dessa civilização. Assim, baseando-se na articulação entre formas geométricas, cores e referências visuais, as estudantes demonstram outra possibilidade de apropriação e tradução visual dos conteúdos históricos.

Ambas as composições conferem destaque à capacidade técnica e construtiva da civilização inca, particularmente no que se refere à arquitetura, à engenharia e à ocupação do território. Entre os elementos representados, destacam-se referências a Machu Picchu, à cidade de Cuzco, à alvenaria ciclópica, às pontes suspensas e aos sistemas de circulação e infraestrutura desenvolvidos por esse povo. Proença (2019) ressalta que a arquitetura constitui um dos principais testemunhos da civilização inca, sendo Machu Picchu, Cuzco e a fortaleza de Sacsahuaman exemplos expressivos de seu desenvolvimento técnico e urbanístico.

Outro aspecto comum às duas produções refere-se à representação da relação entre sociedade e natureza. Ambas incorporam elementos associados às estratégias de adaptação desenvolvidas pelos incas para ocupar o ambiente andino, especialmente no que se refere à agricultura e ao uso dos recursos naturais. Na composição à esquerda, destacam-se as representações dos terraços agrícolas,

da produção de sal e do cultivo de alimentos, evidenciando a compreensão das técnicas empregadas pelos incas para garantir a produção agrícola em terrenos montanhosos. Conforme ressaltam Fazio, Moffett e Wodehouse (2011), essa civilização desenvolveu sofisticados sistemas de irrigação e transformou as encostas andinas em terraços agrícolas capazes de sustentar uma ampla diversidade de cultivos. A estudante evidencia a apropriação desses conteúdos históricos e territoriais ao destacar que sua composição buscou representar "o sistema de agricultura (em degraus) desenvolvido por esse povo" e "a produção de sal (por meio de água salgada)".

A presença da lhama em ambas as composições constitui outro aspecto significativo. A recorrência desse elemento demonstra a compreensão, por parte das estudantes, da importância desempenhada por esse animal na economia e no cotidiano da civilização inca. Na descrição da composição à direita, registrada pelas estudantes no verso do trabalho, elas ressaltam explicitamente que "utilizavam a lhama para o transporte e alimentação", demonstrando a assimilação desse aspecto da cultura material e da organização socioeconômica inca.

As composições também evidenciam a apropriação de aspectos culturais, religiosos e científicos da civilização inca. Na composição à esquerda, observam-se representações do imperador, do culto ao sol, da deusa lunar Mama Killa e dos quipus, sistema de registro e contabilidade baseado em cordas com nós. Segundo a estudante, essa composição buscou representar "o Imperador, o culto ao sol [...] a deusa da lua cultuada na religião inca chamada Mama Killa e uma representação do sistema de escrita e contabilidade por meio de cordas utilizadas pelos incas, chamados quipus". Esses elementos demonstram a compreensão da importância das crenças religiosas e dos sistemas de organização e registro desenvolvidos pelos incas, que, apesar de não possuírem um sistema de escrita convencional, desenvolveram formas complexas de administração e controle territorial.

Já na composição à direita, a dimensão simbólica é explorada por meio do uso das cores, associadas pelos estudantes ao caráter militar da civilização, ao cultivo do milho e a aspectos religiosos. Conforme explicam as autoras da composição, "esse povo tinha habilidades militares, então utilizamos cores como o amarelo e o vermelho para representar este fato. O amarelo também tem relação com o milho, que era um alimento sagrado e muito cultivado por esse povo". Além disso, a representação da chakana, descrita pelos estudantes como "um símbolo central na cultura incaica", evidencia a incorporação de elementos cosmológicos e simbólicos associados ao universo andino.

A Figura 6 apresenta uma composição visual elaborada sobre a civilização asteca. Assim como nos trabalhos sobre os maias e os incas, a composição articula elementos arquitetônicos, artísticos, agrícolas, científicos e culturais associados a essa civilização, empregando também técnicas como colagem, desenho e pintura.

Figura 6 – Composição visual sobre a civilização asteca



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Nesta composição, o elemento visual predefinido, inserido na parte inferior direita da prancha, consistia na reprodução, por meio do desenho, do Templo Maior de Tenochtitlán, principal complexo religioso e cerimonial da capital asteca. O templo constituía o centro simbólico, político e religioso do Império Asteca, reunindo templos dedicados a Huitzilopochtli, deus do sol, da guerra e da conquista, e a Tlaloc, deus da chuva, da água e da agricultura (Fazio; Moffett; Wodehouse, 2011).

Observa-se que os estudantes se apropriaram dessa imagem-referência para, a partir dela, articular e inserir, por meio da colagem, da pintura e do desenho, outros elementos, construindo uma narrativa visual que representa a estrutura territorial, urbana e cosmológica da civilização asteca. Conforme relatado pelos autores da composição, "buscamos organizar os elementos de forma que eles mostrassem como a religião, a cidade e a agricultura estavam conectadas entre si na civilização asteca". A composição estabelece relações visuais entre diferentes aspectos dessa sociedade, por meio da utilização de linhas e fluxos gráficos, evidenciando as conexões entre território, cidade, religião e produção agrícola.

Do ponto de vista urbanístico, destaca-se a representação da cidade de Tenochtitlán, implantada sobre as ilhas do lago Texcoco. Essa representação dialoga diretamente com a descrição apresentada por Proença (2019), segundo a qual os astecas fundaram Tenochtitlán em uma das ilhas do lago Texcoco, transformando-a em um próspero centro urbano conectado por estradas e abastecido por sistemas hidráulicos.

A composição também evidencia a importância da agricultura para a manutenção da sociedade asteca. A representação das áreas cultivadas remete às práticas agrícolas desenvolvidas por esse povo e à forte relação entre produção agrícola, organização territorial e religião. No que se refere à cosmologia e à religiosidade astecas, a colagem de um recorte da Pedra do Sol na composição expressa os conhecimentos astronômicos e a centralidade do culto solar nessa civilização. Segundo os estudantes autores, "a Pedra do Sol foi utilizada para representar o conhecimento astronômico e a importância do Sol para a organização da vida asteca". Conforme descreve Proença (2019), esse monumento apresenta complexos sistemas calendários e cosmológicos, evidenciando o domínio dos astecas sobre conhecimentos matemáticos e astronômicos.

A representação do coração humano e da cena de sacrifício ritual constitui outro elemento expressivo da composição, remetendo, conforme destacado pelos estudantes no texto registrado no verso do trabalho, "[...] à importância dos rituais religiosos na organização social e política asteca". Nesse sentido, destaca-se que a religião asteca exigia a realização de sacrifícios humanos dedicados a Huitzilopochtli para assegurar a continuidade da ordem cósmica, o nascimento diário do sol e a proteção do povo pelos deuses. Essas práticas eram reforçadas por fatores religiosos, militares, políticos e econômicos, evidenciando a centralidade da religião na estruturação do Império Asteca (Fazio; Moffett; Wodehouse, 2011).

A análise das composições visuais produzidas pelos estudantes, juntamente com os textos elaborados no verso dessas composições e as observações docentes registradas ao longo das etapas, demonstrou que a elaboração de composições visuais por meio do processo de apropriação de imagens favoreceu a aprendizagem de conhecimentos relacionados às civilizações maia, asteca e inca. Isso pode ser percebido pela recorrência e articulação de aspectos arquitetônicos, urbanísticos, territoriais, ambientais, econômicos, científicos, religiosos e culturais nas produções analisadas. A análise também evidenciou que os estudantes não se limitaram à reprodução de informações ou à representação literal dos conteúdos abordados, mas mobilizaram referenciais teóricos e processos de seleção, articulação, interpretação e ressignificação de referências visuais, construindo narrativas próprias sobre as civilizações maia, inca e asteca.

A diversidade de soluções compositivas observadas, mesmo quando os estudantes partiram de elementos visuais previamente estabelecidos e semelhantes, demonstra que a apropriação operou como um dispositivo de criação capaz de estimular a experimentação e a elaboração de diferentes estratégias de representação. Nesse sentido, a utilização de pranchas com elementos previamente inseridos, associada à disponibilização de um conjunto de recortes de imagens, ambos não categorizados, exigiu dos estudantes não apenas a identificação e a seleção de referências pertinentes às civilizações estudadas, mas também a apropriação dessas referências na construção de

composições visuais capazes de relacionar e articular diferentes conteúdos históricos. Tal procedimento contribuiu para deslocar o estudante da posição de receptor passivo de informações para a de agente ativo no processo de construção do conhecimento, aspecto apontado por Bottura (2018) como fundamental para a promoção de experiências de aprendizagem mais significativas.

Os resultados também evidenciam que a apropriação de imagens favoreceu a articulação entre diferentes dimensões constitutivas das sociedades estudadas, permitindo que aspectos arquitetônicos, urbanísticos, ambientais, econômicos, científicos, religiosos e simbólicos fossem percebidos e compreendidos de maneira integrada. Nas composições analisadas, observou-se a recorrência de relações entre território, paisagem, arquitetura, organização social, sistemas produtivos e cosmologias, indicando que os estudantes foram capazes de estabelecer conexões entre diferentes temas. Tal constatação reforça a compreensão da linguagem visual como um recurso que amplia as possibilidades de inter-relacionar conhecimentos, contextos e ideias, além de fomentar múltiplas interpretações.

Outro aspecto relevante refere-se ao desenvolvimento da criatividade, dimensão explicitamente valorizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo (Brasil, 2025). As diferentes soluções formais, compositivas e narrativas identificadas nas produções revelam que a atividade proporcionou espaços para a experimentação e a construção de significados próprios, aproximando os processos de ensino-aprendizagem dos processos criativos. Nesse contexto, a apropriação, compreendida como a prática de "criar imagens com imagens" (Baliscei; Stein, 2026), mostrou-se particularmente adequada para o desenvolvimento das dimensões criativas e inventivas, também inerentes à prática profissional do arquiteto e urbanista.

Assim, a partir dos resultados apresentados, observa-se que o processo de apropriação de imagens, comum no campo das artes, associado à produção de composições visuais, pode funcionar como um dispositivo potente também para o ensino de conteúdos teóricos e históricos em Arquitetura e Urbanismo.

Nesse sentido, a experiência evidencia a relevância da aproximação entre arte e ensino no âmbito das disciplinas de base teórica e histórica, campo ainda relativamente pouco explorado nas pesquisas em Arquitetura e Urbanismo quando comparado às disciplinas projetuais e de representação. Ao incorporar referenciais provenientes da arte contemporânea, especialmente os processos de apropriação presentes na produção de artistas como Luiz Paulo Baravelli, a prática pedagógica ampliou as possibilidades metodológicas de abordagem dos conteúdos históricos, favorecendo a construção de experiências de ensino-aprendizagem mais participativas, sensíveis e reflexivas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve como objetivo relatar e discutir uma prática de ensino desenvolvida na disciplina História e Teoria da Arte, Arquitetura e Cidade I, do curso de Arquitetura e Urbanismo da FURB, que abordou o estudo das civilizações da Mesoamérica (maias e astecas) e da América do Sul (incas) por meio da criação de composições visuais fundamentadas na apropriação de imagens. A partir da análise das composições visuais produzidas pelos estudantes, foi possível evidenciar o potencial da apropriação de imagens como estratégia didático-pedagógica capaz de articular aprendizagem, criação e reflexão no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Observou-se que a utilização da apropriação como processo de criação possibilitou a construção de experiências de aprendizagem significativas, nas quais os estudantes assumiram um papel ativo na elaboração do conhecimento. A diversidade de soluções compositivas produzidas, mesmo diante de referenciais visuais previamente estabelecidos, evidenciou o potencial desse processo para estimular a criatividade, a experimentação e a capacidade de estabelecer relações entre diferentes campos do conhecimento, aspectos fundamentais para a formação do arquiteto e urbanista.

Nesse sentido, entende-se que os processos de apropriação constituem uma estratégia didático-pedagógica promissora para o ensino de História e Teoria da Arte, da Arquitetura e da

Cidade, na medida em que potencializam a aprendizagem de conteúdos teóricos e históricos, estimulam a criatividade e favorecem a construção de relações interdisciplinares. Embora a experiência relatada apresente caráter situado e exploratório, ela contribui para ampliar o debate sobre as possibilidades de aproximação entre processos artísticos e processos de ensino-aprendizagem em Arquitetura e Urbanismo, especialmente nos núcleos curriculares de base teórica e histórica.

Espera-se que essa experiência possa estimular o desenvolvimento de novas investigações e práticas pedagógicas voltadas à aproximação entre processos artísticos e processos de ensino, ampliando e fortalecendo esse campo de debate.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação
BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius.
Imagens criadas com imagens: apropriação,
citacionismo e mestiçagem na Arte
Contemporânea e cultura visual. **Revista
GEARTE**, Porto Alegre, v. 13, 2026. DOI:
<https://doi.org/10.22456/2357-9854.147596>.

BARAVELLI, Luiz Paulo. **Baravelli**. São Paulo:
J. J. Carol Editora, 2007.

BOTTURA, R. A. O método TBL como
estratégia de ensino em aulas de história da
arquitetura. **Revista Projetar - Projeto e
Percepção do Ambiente**, Natal, v. 3, n. 3, p. 34-
46, 2018. DOI: [https://doi.org/10.21680/2448-
296X.2018v3n3ID16534](https://doi.org/10.21680/2448-296X.2018v3n3ID16534).

BRANDÃO, Rafael Silva; BRAGA, Gedley
Belchior. Intervenções urbanas efêmeras
como estratégia pedagógica de
fundamentação em arquitetura e urbanismo.
In: 7º Congresso Luso Brasileiro para o
Planejamento Urbano, Regional, Integrado e
Sustentável: PLURIS. **Anais eletrônicos [...]**,
Maceió, 2016. n. p. Disponível em:
[https://fau.ufal.br/evento/pluris2016/files/Tema%20%20-%
%20Cidades%20Inovadoras%20e%20%20Intel
igentes/Paper958.pdf](https://fau.ufal.br/evento/pluris2016/files/Tema%20%20-%20Cidades%20Inovadoras%20e%20%20Inteligentes/Paper958.pdf). Acesso em: 20 mai.
2026.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de
julho de 2025**. Institui as Diretrizes
Curriculares Nacionais do Curso de
Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-
br/cne/2025/julho-2025/rces001_25.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/2025/julho-2025/rces001_25.pdf).
Acesso em: 25 jun. 2026.

FAZIO, Michael; MOFFETT, Marian;
WODEHOUSE, Lawrence. **A história da
arquitetura mundial**. 3. ed. Porto Alegre:
AMGH, 2011.

FEITOSA, Ana Rosa Soares Negreiros.
Arqueologia de uma sala de aula: práticas
artísticas como campo experimental e crítico
do ensino e da aprendizagem da Arquitetura e
do Urbanismo. 2023. 251 f. Tese (Doutorado
em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade
Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.
Disponível em:

[https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/1234
56789/30628](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30628). Acesso em: 25 mai. 2026.

LUIZ Paulo Baravelli. **Galeria Marcelo
Guarnieri (portal)**, 2020. Disponível em:
[https://www.galeriamarceloguarnieri.com.br
/luiz-paulo-baravelli](https://www.galeriamarceloguarnieri.com.br/luiz-paulo-baravelli). Acesso em: 03 jun. 2024.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 18. ed. São
Paulo: Ática, 2019.

ROCHA, Eduardo; MACHADO, Valentina.
História da arte e arquitetura: a imagem
cristal na contemporaneidade. **Revista Thésis**,
Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 75-84, 2023. DOI:
[https://doi.org/10.51924/revthesis.2023.v3.41
9](https://doi.org/10.51924/revthesis.2023.v3.419).

RUDOLPHO, Lucas da Silva; IMMIAOVSKY,
Charles. Ensinar-aprender arquitetura da
paisagem com arte. In: XVII Congresso
Nacional de Educação – EDUCERE. **Anais
eletrônicos [...]**, Curitiba, 2025. p. 1582-1591.
Disponível em:
[https://eventum.pucpr.br/static/anais_educe
re_2025.pdf](https://eventum.pucpr.br/static/anais_educe-re_2025.pdf). Acesso em: 25 mai. 2026.

RUDOLPHO, Lucas da Silva; KAESTNER
NETO, Guido Paulo; IMMIAOVSKY,
Charles. Olhares sobre a história do
paisagismo no Brasil: relações entre educação,
arte e arquitetura. **Revista Olhares**, Salvador,
v. 1, p. 120-131, 2025. DOI:
[https://doi.org/10.63052/revistaolhares.v1i14.
785](https://doi.org/10.63052/revistaolhares.v1i14.785).

Sobre os autores

Lucas da Silva Rudolpho  
lucarudolpho@gmail.com

Doutor e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB-FAU/UFRJ), no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Paisagismo (PAISA/CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa Desenho Urbano e Paisagem (UFSC/CNPq). Professor do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Charles Immianovsky  
charles.revisor@gmail.com

Doutor em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professor de Arte do Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Luzerna.